FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Roseane Diniz brilha em *Rara, Vidas em Solo...*

Por Simone Carleto Fontes[1]

Em *Rara, Vidas em Solo...*, a diretora e bailarina Roseane Diniz transforma o palco do histórico Cine Santana em um confessionário anatômico e poético. A obra transcende a performance tradicional ao fundir dança-teatro, acrobacia no tecido aéreo e tecnologia visual para dar contorno a uma vivência intimista e, muitas vezes, silenciada: a complexa jornada de quem convive com uma doença rara.

Sob a sensível orientação artística de Marie Bueno, o corpo de Diniz não apenas performa; ele atua como um mapa vivo de cicatrizes e superações. A escolha de integrar o tecido aéreo à encenação revela-se um acerto simbólico profundo. Ao desafiar a gravidade e suspender-se no ar, a artista traduz perfeitamente a fragilidade e a força monumental exigidas no enfrentamento diário da condição. As subidas, as quedas abruptas e os nós no tecido materializam os ciclos contínuos de resistência, resiliência e reinvenção que pautam a dramaturgia.

A imersão emocional do solo ganha dimensões ainda maiores através de sua roupagem técnica. A projeção mapeada de Daniel Corbani age como uma extensão do corpo da bailarina, projetando para o espaço externo os labirintos internos, exames e as turbulências que o olho nu não alcança. É através do vídeo mapping que o invisível ganha textura e cor. Envolvendo essa atmosfera visual, o desenho de luz de Bonny Ribeiro esculpe as sombras e os momentos de isolamento e esperança da intérprete, enquanto a trilha e o desenho de som de Neno Santos ditam o pulso cardíaco da obra, acompanhando a respiração e o esforço

[1] Mestre, doutora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. Professora do curso de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Unesp - SP. Professora Formadora e Conteudista do curso de Licenciatura em Teatro a Distância da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Jurada de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes..

físico em cena.

Rara, Vidas em Solo... é, acima de tudo, um ato de coragem artística. Roseane Diniz domina o palco solitário para provar que a vulnerabilidade, quando transmutada em arte, torna-se uma potência inabalável. O espetáculo convida o espectador a olhar com empatia para o corpo que adoece, mas que, através do movimento e da poesia, recusa-se a ser definido apenas por sua limitação, encontrando na dança a sua forma mais sublime de voo e liberdade.

Outra figura importantíssima nessa edição histórica de 40 anos do Festivale é Marie Bueno, artista multifacetada natural de São José dos Campos (joseense), com forte presença no cenário das artes cênicas do Vale do Paraíba, destacando-se na intersecção entre a dança, o teatro e a pesquisa corporal. É pesquisadora da dança e do teatro, com especialização em dança educacional. Possui pós-graduação voltada à Dança e Consciência Corporal, sendo bailarina profissional e facilitadora de Dança Terapêutica. Marie Bueno é um dos nomes de peso que já assumiram a direção artística da Companhia Jovem de Dança da cidade, contribuindo para a profissionalização e visão artística do grupo. Atua frequentemente como diretora e coreógrafa. Trabalhou com o Núcleo Experimental de Dança Teatro de São José dos Campos e realizou concepções e direções para coletivos de intérpretes-criadores. Ela também ministra workshops sobre expressão corporal (como o workshop "Corpo Narrativo", que integrou o renomado festival Festidança, promovido pela Fundação Cultural Cassiano Ricardo). É reconhecida por guiar outros artistas em seus processos criativos, como a orientação artística do espetáculo multilinguagem *Rara, Vidas em Solo*... de Roseane Diniz.

O espetáculo, em processo, deverá continuar o trabalho com as transições entre as cenas, trazendo o mesmo impacto do início, no qual as duas primárias cenas impactam toda pessoa que se sente diferente, ou seja, todas as pessoas sensíveis que se dão conta de que a vida está sempre por um triz. Warner Reis é responsável pela concepção visual das vestimentas da peça, consistindo em um dos destaques fundamentais para o espetáculo, valorizando as atuações da intérprete e as mudanças de nuances nas cenas. Uma enorme camisa de força, com muitas repetições, uma emendada na outra, é suspensa na vara de cenário, e faz pensar numa legião de pessoas, toda uma sociedade, cada qual sempre estigmatizada por um ou outro motivo, e como certos processos de normatização trazem sofrimento e dor. Porém

felizmente temos a arte a nos encontrar e que felicidade receber o acolhimento para o choro escondido no peito no palco e brilho do esplendor corporal e artístico de Roseane Diniz. Na cena do tecido, ela aparece brilhante em figurino que destaca a forma física e a força em se manter no ar, desenhando com o corpo o espaço teatral, transformando o imaginário sobre as doenças.